

A REVISTA *LES GRIOTS* (1938-1940) E SEU PROGRAMA POLÍTICO PARA O HAITI PÓS-OCUPAÇÃO

THE JOURNAL *LES GRIOTS* (1938-1940) AND ITS POLITICAL PROGRAM FOR POST-OCCUPATION HAITI

Gabriel Alves de Amorim¹

Resumo: O artigo busca analisar o programa político disposto de maneira velada ou explícita na revista *Les Griots*, publicada no Haiti de 1938 a 1940, que buscava ser uma continuação das ideias do indigenismo depois do fim da ocupação estadunidense. Buscamos assim entender se, apesar da apoliticidade que os autores alegam agir no programa da revista, há interesses ocultos, ou mesmo, se de forma não intencional, eles criam um programa político que permitirá mudanças profundas na sociedade e na política haitiana a partir do noirismo, movimento ideológico que vai continuar as ideias da revista. Para isso, é apresentado um contexto histórico sobre o país até os anos em que a revista é publicada, e posteriormente, artigos específicos da revista são analisados para buscar realizar o objetivo proposto.

Palavras-chave: Noirismo; Indigenismo; Duvalierismo; Cultura Política.

Abstract: This article analyzes the political program, expressed either covertly or explicitly, in the Haitian journal *Les Griots*, published from 1938 to 1940, which sought to continue the indigenist ideas following the end of American occupation. We strive to understand if, despite the apoliticality that the authors claim to follow in the journal's program, there exists a hidden interest, or even if, unintentionally, they create a political program that will allow for deep changes in Haitian society and politics via noirism. This ideological movement will continue the journal's ideas. For that, a historical context of the country up until the years that the journal is published is presented, and later, specific articles from the journal are analyzed, seeking to fulfill the proposed objective.

Keywords: Noirism; Indigenism; Duvalierism; Political Culture.

Introdução

“Dizemos ainda mais: a atual sociedade haitiana, em suas etapas essenciais, é apenas uma extensão da sociedade colonial. Poderemos objetar que 1804 teve como objetivo a derrubada da Velha Ordem, mas [...] 1804 representa mais uma Evolução e não uma Revolução.”¹

¹ Graduando em História na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Campus de Franca. Trabalho realizado sob orientação do Prof. Dr. Marcos Alves de Souza sem financiamento externo.

(François Duvalier)

A história do Haiti independente parece ser dividida em dois momentos: a revolução negra de 1804 e a miséria contemporânea. A vitória de 1804, que marca a História Contemporânea e vive na memória histórica da negritude dos séculos XX e XXI, tem sua grandeza apagada pela série de tragédias que decorre desta. As causas para os conflitos existentes na história do Haiti são muitas e diversas, e uma série de obras foram elaboradas tanto por autores haitianos quanto por estrangeiros tentando explicá-las², porém, a maioria concorda em um ponto principal para a gênese desses conflitos: a dicotomia entre as elites haitianas, detentoras do poder político, e a massa do povo.

Essa dicotomia ultrapassa o simples conflito de classes que se identifica na maioria das nações do mundo, em especial as nações marcadas pelo capitalismo. No Haiti, apesar de prevalecer uma unidade racial, com a raça negra sendo quase totalmente absoluta na demografia do país, representando tanto as elites quanto o povo, essa luta de classes ganha um outro teor: um conflito de cores, marcado pelas disputas entre as elites, mulatas e as massas populares, negras.

Tal luta de classes e cores marcará a história política e social do Haiti do pós-independência até os dias de hoje, e em pouquíssimos momentos na história do país a situação vai unir esses dois grupos, como por exemplo a guerra de independência e a ocupação estadunidense na ilha, que dura quase vinte anos (de 1915 a 1934) e marcar diretamente toda a história posterior do Haiti. O inimigo do norte une o povo e a elite, negros e pobres, e a raça negra, ponto que une todo o país, se tornará a pauta principal pela qual a arte e a ciência vão se desenvolver; assim, começa o movimento indigenista, que marca a cultura haitiana durante a ocupação.

Quando os americanos deixam a ilha em agosto de 1934, a pauta muda. O que antes era uma união nacional para o fim da ocupação, divide-se em vários grupos que vão propor pautas e propostas diferentes para reerguer o país após a violência da ocupação e os fracassos políticos e econômicos anteriores a ela. A vontade de que a união entre esses grupos conflitantes se mantivesse após a ocupação não resistiu às diferentes vontades dos vários coletivos dentro do país, ansiosos para explorar o novo cenário político deixado pela ausência dos militares.

É nesse contexto que se localiza a revista literária e científica *Les Griots*, publicada em Porto-Príncipe de 1938 a 1940, e fundada pelo médico e antropólogo François Duvalier, o antropólogo Lorimer Denis, e os poetas Carl Brouard – antigo fundador da *Revue Indigène* – e

Clement Magloire fils (posteriormente conhecido como Magloire Saint-Aude). A revista tinha como objetivo continuar o legado da *Revue Indigène*, publicação que iniciou o movimento indigenista no âmbito literário.

Na primeira edição da *Les Griots*, os autores assumem o compromisso de “banir sistematicamente a política de nossas atividades científico-literárias” (Brouard et al, 1938, p.1, tradução nossa), porém, em muitos textos, é possível notar as opiniões políticas dos autores, e perceber assim uma espécie de projeto político velado que a revista traz por meio de seus artigos, mesmo que esses tenham em geral um tom populista, conciliatório e apolítico. Isso não é surpresa. Quase todos os fundadores da revista e muitos de seus autores participaram de maneira ativa na política haitiana enquanto escreviam na publicação ou depois de seu fim. Além disso, a revista introduz uma visão de mundo acerca da sociedade haitiana que repercute de forma polêmica dentro do país, sendo rejeitada por muitos intelectuais e por uma grande parcela das elites mulatas, mas caindo nas graças da burguesia negra e assistindo crescer sua força dentro das massas populares. Surgiria assim o noirismo³, movimento científico-ideológico que influenciará muito intensamente a política haitiana do pós-ocupação, até culminar finalmente na ditadura de François Duvalier, um dos fundadores da revista, que sobe ao poder em 1957 e governa o país até sua morte, em 1971, deixando o poder para seu filho, que mantém a ditadura por mais quinze anos.

A partir dessa perspectiva, podemos entender a relevância da revista para a história haitiana, sendo ela o primeiro passo para um movimento expandido de mudança política e, além disso, um dos interesses óbvios de todo historiador que analisou a revista é tentar encontrar paralelos entre os escritos de Duvalier na publicação, e seu governo no Haiti, reconhecido por ser uma das mais violentas e repressivas ditaduras em todo o mundo.

Dessa maneira, nosso objetivo com esse trabalho é buscar os momentos em que é possível observar um programa político velado nas páginas da revista, tentando localizar essas ideias dentro do contexto político e histórico do Haiti pós-ocupação, e buscando entender como elas influenciarão o pensamento político haitiano posteriormente. Entendemos que se o noirismo é a ideologia que baseia a subida das elites negras ao poder no Haiti, – que ocorre após a revolução de 1946 – e a ditadura duvalierista que começa em 1957, e se a *Les Griots* é o ponto de partida para a ideologia do noirismo, pela lógica, será na revista que observaremos os primeiros indícios que vão permitir essa mudança política, e localizar e analisar esses pensamentos é o que buscamos com esse artigo. Para tanto, a análise de artigos específicos da

revista, entre os quais “Doutrina” (1938) e “Declarações” (1938), elaborados pelos fundadores da revista, demonstra-se crucial para a consecução deste objetivo.

Na perseguição deste intento, o marco teórico que embasa nossa pesquisa é a História Intelectual. Entendemos a história intelectual nesse sentido como uma história social das ideias em movimento. Compartilhamos a interpretação de Carl Schorske, para quem, na História Intelectual

O historiador procura localizar e interpretar temporalmente o artefato num campo em que se intersectam duas linhas. Uma linha é vertical ou diacrônica, pela qual ele estabelece a relação de um texto ou de um sistema de pensamento com as manifestações anteriores no mesmo ramo de atividade cultural (pintura, política, etc.). A outra é horizontal, ou sincrônica; através dela, determina a relação do conteúdo do objeto intelectual com o que vai surgindo ao mesmo tempo noutros ramos ou aspectos de uma cultura (apud Silva, 2003, p.15).

Desta maneira, considerando a relação direta entre os intelectuais e a política, estabelecida anteriormente por autores como Jean-François Sirinelli (2003) e Julien Benda (2007), consideramos que também na história do Haiti a intelectualidade teve um papel fundamental no desenrolar da política, constituindo uma nova cultura política e influenciando diretamente a mentalidade das massas e das elites, que como observou Smith (2009), disputaram o poder em conflitos marcados pelo radicalismo no período do pós-ocupação americana. Assim, pretendemos por meio da História Intelectual facilitar o entendimento da História Política haitiana.

Consideramos que a análise dos periódicos é também essencial para que consigamos produzir esta história intelectual, pois como nota Maria Helena Capelato (1988, p. 34):

Nos vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões de mundo representativos de vários setores da sociedade. A leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das ideias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da Imprensa revela a complexidade da luta social.

Assim, entendemos que por meio das ideias apresentadas nesse periódico, conseguimos criar um perfil da intelectualidade haitiana, de suas ideias, e de seu lugar nessa sociedade, e, além disso, considerando o papel deste periódico e outros dentro do contexto haitiano e caribenho, Victoria Famin (2017, p. 1, tradução nossa)⁴ nota que:

O papel das revistas no desenvolvimento das tradições literárias caribenhas é central, não apenas em termos de criação de um espaço de expressão, mas também na manifestação de novas correntes de pensamento. É, portanto, essencial examinar esse tipo de publicação para entender a evolução desses campos literários.

Diante dessas ideias, entendemos que este periódico se torna uma importante fonte para a construção da história do período, porém, para que exista um verdadeiro entendimento acerca dos posicionamentos da revista e do contexto histórico no qual ela se encontra, é preciso conhecer, mesmo que minimamente, os eventos da história haitiana que, desenrolando-se desde a independência, levaram o Haiti até o cenário social no qual se encontravam esses intelectuais no momento da fundação da revista.

Antecedentes Históricos

O senso comum acerca da história haitiana costuma estar acompanhado de dúvidas acerca de seu declínio econômico e social. No ano de 1791, antes da sua independência, a colônia francesa de Saint Domingue, que representa o atual Haiti, era um dos territórios que mais exportava açúcar no mundo, com suas exportações representando 30% do consumo mundial de açúcar (Tomich, 2016, p. 53), e em 1793, o território era também um dos maiores produtores de café, cujas exportações constituíam 60% do café produzido no Ocidente (Trouillot, 1990, p. 37). Após a independência, o Haiti foi ostracizado no mundo ocidental, tendo suas relações com outros países severamente prejudicadas, atrasando assim também seu desenvolvimento econômico, que nunca mais alcançou os patamares anteriores à Revolução.

Nesse sentido, a resposta consensual para o declínio econômico, político e social do Haiti vem justamente desse período dos primeiros governos pós-independência. Para isso, é necessário entender que a Revolução Haitiana aconteceu a partir da união de dois grupos sociais largamente diferentes que viviam na colônia de St. Domingue: os mulatos, filhos de colonos franceses e donos de terra, chamados de *affranchis*, e os negros escravos. A união desses dois grupos sobre a liderança de Toussaint Louverture, e posteriormente, Jean-Jacques Dessalines conquistará a independência, garantindo o fim da escravidão no território haitiano, a proibição da posse de terras por homens brancos, e o confisco das terras de colonos franceses pelo novo Estado. O sentimento de união nacional trazido pela revolução, e a atitude do governo de considerar todos os cidadãos do novo país como negros (mesmo alguns poucos brancos que continuaram vivendo no país) ajudou a evitar conflitos causados pela cor da pele e por disparidades sociais, porém, isso durou pouco tempo.

Dessalines, na posição de imperador, era pressionado pelos *affranchis* a manter o sistema de *plantations* no país, e abrir a economia para a iniciativa privada, garantindo assim o desenvolvimento econômico, enquanto os ex-escravos acreditavam que uma economia de subsistência seria mais importante, ainda que também valorizassem a importância das culturas comerciais. Dessalines, por sua vez, entendia que o ideal seria que as plantações fossem geridas pelo Estado, com oficiais do exército como locatários (Trouillot, 1990, p. 45).

Essa atitude de Dessalines contribuirá futuramente para a criação de uma nova oligarquia, negra, descendentes desses soldados donos de terra, e que vão disputar seu poder com a oligarquia mulata. Isso, somado à atitudes favoráveis à distribuição de terra (Andrade, 2016, p. 177), fez com que Dessalines fosse rejeitado pela elite mulata e assassinado em uma emboscada em 1806.

A partir daí, o país se divide em dois: o norte se tornando um reino controlado por Henri Cristophe, negro e um dos principais aliados de Dessalines, e o Sul se tornando uma república, controlada pelo mulato Alexandre Pétion. E mesmo após a reunificação do país em 1820, uma estabilidade política inexistente no Haiti; o país passou por uma série de trocas de governo, assassinatos de governantes, golpes de Estado, mudanças de sistema e ditaduras militares, e a razão principal que os intelectuais apontam para isso é justamente o conflito de interesses entre a elite mulata, que se mantinha no poder, e as classes populares negras.

Apesar do conflito ser essencialmente de classe, o teor colorista acaba se tornando extremamente relevante no pensamento político e social haitiano, e intelectuais como David Nicholls (1996) e Matthew J. Smith (2009) notam isso. Destacamos ainda que usamos o termo cor e colorista para definir esse conflito social presente no país, já que a identidade racial e de cor tem diferenças fundamentais no contexto específico do Haiti. Nas palavras de Nicholls (1990, p. XXXVI, tradução nossa)⁵: “[...] embora a consciência de identidade racial tenha sido um poderoso fator, o qual, desde seus primeiros dias, tem unido haitianos em uma determinação de preservar sua independência nacional, a cor tem sido uma influência divisiva, levando à erosão da independência efetiva”. Destacamos também que entender esses conflitos presentes no país como sendo puramente ligados à cor também não reflete a realidade. Smith (2009) pretende trazer luz a isso ao evitar utilizar o termo “*mulatto*”, preferindo usar o termo da língua crioula haitiana “*Milat*”. Em suas palavras para explicar isso:

Ademais, existe uma forte correlação entre cor, classe e cultura no Haiti que impacta significativamente na maneira como pessoas de diferentes fenótipos são vistas. Chamar uma pessoa de pele clara no Haiti de “mulata” reconhece o fenótipo, mas não necessariamente se refere ao status social. Porém, na

língua crioula, o termo *milat* contém a referência à classe e não somente a cor, como exemplificado pela frase frequentemente citada, associada ao líder militar do século XIX, Jean-Jacques Acau: “Neg rich se milat, milat pòv se neg” (negro rico é mulato, mulato pobre é negro) (Smith, 2009, p. 198, tradução nossa).⁶

Esse cenário de conflito de classes e cores no Haiti leva cada vez mais à radicalização e ao crescimento da violência, tanto das elites crioulas, que dominavam o poder político, quanto das massas para com os políticos. Isso se destacou durante o século XX, mais especificamente, durante os anos de 1911 a 1915. Durante o período, houve várias divisões internas nas elites, além da intensificação do conflito de cores e uma maior participação das classes populares dentro da política. Gerard Pierre-Charles (1985, p. 177) nota como essas divisões internas nas elites ocorrem por conta da influência de potências estrangeiras no Haiti, como os Estados Unidos, a França e a Alemanha, que passam a apoiar diferentes setores da elite no país.

O resultado final é a sucessão de seis presidentes em quatro anos, e um desses presidentes, Vilbrun Gillaume Sam, que assume em 1915, para conter uma revolta que ocorria no norte do país, começa a comandar a nação com mãos de ferro, prendendo e executando opositores políticos. Um dia, após um ataque ao palácio presidencial, Sam manda executar 167 prisioneiros políticos e foge para a embaixada francesa, porém, é capturado por uma multidão de revoltosos, que o assassinam e desmembram seu corpo. A violência da multidão e a crise política se tornam a justificativa utilizada para a invasão e ocupação do território haitiano.

Apesar da crise política ser a justificativa para a invasão, as intenções americanas sobre o Haiti eram, na realidade, mais escusas que isso. Em primeiro lugar, os Estados Unidos já vinham há alguns anos buscando se afirmar enquanto potência imperialista, principalmente no continente americano. A primeira instância das vontades imperialistas americanas aplicadas ocorre na guerra hispano-americana de 1898, que culmina na emenda Platt⁷. Depois da guerra, os Estados Unidos, amparados pela Doutrina Monroe e pela política do *Big Stick* do presidente Theodore Roosevelt, começam a intervir nas políticas de outros países, como a Nicarágua, a Colômbia, o México e a República Dominicana, mas em nenhuma intervenção os Estados Unidos agiram de maneira tão contundente, autoritária e interferiram tanto na política interna quanto no Haiti. Por isso, Everaldo Andrade (2016, p. 183) considera a experiência estadunidense no Haiti um “laboratório para as políticas externas da jovem potência estadunidense, gerando possíveis legados autoritários internos e uma experiência prática para futuras intervenções imperialistas”.

Além disso, os Estados Unidos também mantinham uma certa preocupação em relação ao Haiti por conta da forte presença de empresas alemãs, que controlavam uma grande parte dos negócios no país. 80% das casas comerciais em portos eram alemãs, e um terço do café haitiano era direcionado à Alemanha no início do século XX (Link apud Castor, 2016, p. 45). Apesar de o Império Alemão não ter nenhuma intenção estratégica de ocupar o Haiti, em meados da Primeira Guerra Mundial, somente a presença de alemães na ilha já seria o suficiente para justificar o impulso de intervir.

Outra razão importante para os impulsos intervencionistas americanos é também a dívida haitiana. A falta de receitas e a necessidade de se pagar uma indenização à França depois da independência fizeram com que o Haiti precisasse realizar empréstimos, e assim, contraísse ao longo dos séculos XIX e XX uma enorme dívida externa, principalmente com bancos franceses, alemães e estadunidenses, que acaba se tornando muito maior do que as receitas do país. Os Estados Unidos sentiram que os bancos estadunidenses estavam em ameaça de sofrer inadimplência por parte do Haiti, ou que o país fosse pagar os bancos europeus antes dos estadunidenses; assim, em 1914, o país envia fuzileiros navais para invadir Porto Príncipe e confisca reservas de ouro do Banco Nacional do Haiti para cumprir o pagamento da dívida⁸.

Tudo isso, além de um interesse estratégico na posição geográfica do Haiti, faz com que um plano para ocupar o país fosse posto em prática, e, em 28 de julho de 1915, fuzileiros navais estadunidenses desembarcam na ilha. A partir daí, os estadunidenses dissolvem o parlamento e o exército nacional, considerado perigoso em virtude de sua forte inclinação nacionalista; tomam controle dos bancos; instalam governos fantoches, submissos à ocupação; favorecem empresas americanas em suas empreitadas no país; e mantêm uma forte repressão às massas populares em suas tentativas de protestos e revoltas.

A intervenção, que antes era bem-vista pelas elites como uma oportunidade de desenvolver o país e concretizar interesses antigos da oligarquia mulata, passou a ser vista posteriormente com uma grande rejeição, devido principalmente ao racismo dos ocupantes, à repressão violenta sobre as manifestações e à falta de abertura política. O racismo, em especial, é o ponto considerado fundamental por muitos autores, já que nem as elites mulatas dele conseguiam fugir, e pela razão de ser extremamente acentuado, praticado por ofensas realizadas por fuzileiros, que em geral costumavam vir do sul dos Estados Unidos. Esse sentimento era também potencializado pela existência das corveias⁹, que eram consideradas uma nova escravidão. O fato de que tanto as massas populares quanto as elites rejeitavam a ocupação fez com que o conflito de cores fosse deixado de lado, dando lugar a um sentimento de união

nacional motivado pela identidade comum: a raça negra. Nas palavras de Nicholls (1996, p. 143, tradução nossa.)¹⁰:

Paradoxalmente, os americanos não-intencionalmente conseguiram ter êxito onde Dessalines falhou, em unir todos os haitianos sob o nome de “negros”. Os anos 20 viram uma crescente solidariedade entre haitianos; colaboradores [da ocupação] como os presidentes Dartiguenave e Borno se encontraram praticamente isolados da vida nacional, sendo mantidos no cargo somente pelo suporte militar dos Estados Unidos. Os movimentos literário e etnológico providenciaram muito do estímulo intelectual para o reestabelecimento de um espírito nacional baseado sob a concepção de raça; os mulatos foram tão envolvidos nesses movimentos quanto os negros. Finalmente parecia que o demônio da cor havia sido exorcizado da vida nacional.

A importância do processo de ocupação na história haitiana também será destacada pela historiadora Suzy Castor (2016, p. 15-16, tradução nossa)¹¹:

A compreensão do caso haitiano é impossível sem o estudo de sua evolução histórica por completo, e em particular, sem conhecer o feito transcendental que constituiu a ocupação norte-americana. Essa intervenção representou um verdadeiro nó onde foram conjugados os resultados do processo da história nacional desde a independência e a gestação de novos traços próprios da evolução do país nas últimas décadas.

Esse sentimento de união nacional se manifesta por meio de revoltas populares, especialmente conflitos armados entre guerrilheiros camponeses – chamados de Cacos – contra os soldados americanos. Apesar do movimento conquistar algumas vitórias e durar por um tempo considerável, ele é derrotado. E quando isso acontece, a reação contra a ocupação vai mudar tanto o seu sujeito quanto o seu objeto. As classes populares vão dar lugar a elite intelectual, enquanto os conflitos armados vão dar lugar a uma *presse d’opposition*, representada por diversos grupos intelectuais e periódicos. Entre os grupos, destacam-se a Liga da Juventude haitiana, a Sociedade de História e Geografia do Haiti, a União Patriótica e a União Nacionalista (Dash, 1981, p.53; Andrade, 2016, p. 189-190). Enquanto entre os periódicos, destaca-se o *La Patrie*.

Desse clima de revolta geral dado pelos intelectuais, a literatura haitiana também evolui em direção a uma literatura de protesto, e a própria identidade do homem haitiano será colocada em pauta. Em 1927, poetas como George Sylvain, Carl Brouard, Jacques Roumain, Emile Roumer e outros vão sintetizar esse novo olhar e essas novas formas em uma nova revista

literária: *A Revue Indigène*. A revista focava seu olhar na cultura considerada “indígena” do Haiti, ou seja, na cultura essencialmente de origem africana, na religião vodu, no folclore e na própria figura mitológica do continente africano. O teor do periódico era largamente apolítico, já que buscava justamente unir o povo haitiano por meio de sua literatura, porém, o teor crítico à ocupação era notável, além de um pensamento de “reeducar” o povo haitiano e integrá-lo à vivência latino-americana.

Apesar da valorização da África e da cultura africana ser parte de uma tendência, que já havia sido construída pela antropologia haitiana do século XIX, a maneira como os indigenistas interpretaram essas relações entre o continente africano e o Haiti alterou fundamentalmente o pensamento da intelectualidade que se desenvolve a partir desse momento, especialmente dos intelectuais advindo das elites, e traz um novo cenário para a intelectualidade haitiana.

Outra obra que irá se tornar um referencial para a intelectualidade haitiana dentro do indigenismo é o livro *Ainsi Parla l’Oncle*, do antropólogo Jean Price-Mars. No livro, o autor busca analisar a cultura haitiana tendo como objeto de pesquisa quem ele considera o mais legítimo representante da verdadeira cultura haitiana: o camponês. Dessa maneira, Price-Mars tenta fazer “uma reavaliação da cultura nacional, buscando reconhecer e valorizar a ascendência africana do país” (Andrade, 2021, p.55). O livro marca todo o direcionamento posterior do movimento indigenista e influencia todo o movimento intelectual posterior a ele.

Após anos de conflitos, greves, guerrilhas, protestos e disputas, tanto no meio político quanto intelectual, o movimento nacionalista se fortalece no Haiti se opondo ao invasor e, em 1930, é eleito Stênio Vincent, um presidente que em um primeiro momento parece agradar a todas as classes, e que junto ao governo estadunidense começa a organizar o processo de desocupação. Isso é influenciado também pela eleição de Franklin Delano Roosevelt em 1933 e o início da política de Boa Vizinhança, que reduz o intervencionismo estadunidense na América. Assim, em agosto de 1934, os americanos finalmente se retiram o Haiti, deixando como legado uma enorme dependência econômica, uma guarda nacional comandada por oficiais estadunidenses, o fortalecimento de setores da elite mulata que se mantiveram submissos e servis ao domínio estadunidense, um cenário de miséria no campesinato, perseguição às religiões como o *Vodu*, e uma incerteza política causada pelas novas ideias que adentram a sociedade, como a luta de classes que vem com a ascensão do partido comunista, e a valorização do povo negro e da cultura africana que surge a partir do indigenismo e se intensificar com o noirismo.

É nesse cenário que é lançada a revista *Les Griots*. A revista surge enquanto projeto a partir do grupo conhecido como “Os três Ds”: formado pelo médico e antropólogo François Duvalier, o antropólogo Lorimer Denis, e o escritor e jornalista Louis Diaquoi. Os três emergem da classe média negra e estudam no *Liceu Pétion*, onde se conhecem, e são fortemente influenciados pelas ideias de seu professor, Jean Price-Mars, e, a partir daí, planejam a criação de um periódico. Diaquoi, em 1932, vai sugerir o nome *Griots* para o grupo e o periódico que estava em planejamento, em homenagem aos lendários contadores de histórias da cultura africana, mas, por morrer no mesmo ano, não pode ver o periódico existindo na prática, sendo este fundado em 1938, junto com a colaboração dos poetas Carl Brouard, fundador da *Revue Indigène* e Clément Magloire Fils, que futuramente será reconhecido como Magloire Saint-Aude, tido como um dos grandes poetas surrealistas pelo próprio André Bréton, fundador do movimento surrealista.

Na declaração de fundação da revista, os autores homenageiam postumamente o fundador Louis Diaquoi e assumem os compromissos de “banir sistematicamente a política de nossas atividades científico-literárias” (Brouard *et al*, 1938, p. 1, tradução nossa)¹², além de “permitir que as gerações contemporâneas venham a contribuir com a elaboração de um pensamento especificamente haitiano” (Brouard *et al*, 1938, p. 1, tradução nossa), fortalecer as relações com a América Latina e “ajudar a fortalecer a união da etnia haitiana” (Brouard *et al*, 1938, p. 1, tradução nossa). No geral, os autores parecem pretender continuar o projeto da *Revue Indigène*¹³, que desde 1928 não era publicada.

Apesar da apoliticidade da revista estar explícita logo na sua declaração, na prática, em muitos momentos é possível encontrar opiniões que refletem certas facetas da vida política do Haiti pós-ocupação, ou que tentam, de forma velada ou explícita, induzir os leitores da revista a apoiar ou reprovar certas visões políticas. São essas análises que basearão o conteúdo do nosso próximo tópico. Nosso foco maior serão os textos escritos pelos redatores-chefes da revista, em especial os artigos identificados como “Declaração” e “Doutrina”, pois são nesses artigos que localizamos o que os autores expressaram mais explicitamente suas visões políticas e sociais e deixaram claro o programa e as intenções da revista. Porém, outros textos dos editores-chefes serão utilizados quando for atestada sua coerência para a discussão proposta.

Análise dos artigos.

“28 de julho de 1915. O americano pisa no nosso solo. Infelizmente! Não foi somente nessa terra conquistada a ponta de baionetas que marcharam suas pesadas botas, mas também em nossos corações. Ainda que pegos desprevenidos, entendemos que éramos a geração da Humanidade, e a melancolia dilatou nossos olhos.”¹⁴

(Carl Brouard)

Primeiramente, para entender a discussão, precisamos compreender também que esses autores não se privaram da vida política, apesar de manterem essa postura na revista. Smith (2009, p.16) nota que Diaquoi por um tempo flertou com o comunismo, Duvalier e Denis participaram ativamente da política durante a década de 1940, e muitos dos outros autores que contribuíram com a revista participaram da vida política de diferentes setores e tiveram seus textos publicados na revista, mesmo que os redatores não concordassem com essa visão política pessoalmente. Etienne Charlier, por exemplo, notório marxista, teve textos publicados na revista mesmo com os fundadores criticando o método marxista dentro e fora do âmbito da revista.

O primeiro elemento que se nota logo nos primeiros artigos é o forte nacionalismo, representado pela valorização da África e da cultura haitiana de origem africana. O grupo dos *Griots* não foi pioneiro nessa interpretação; na realidade, essas ideias foram trazidas à tona alguns anos antes, por etnólogos como Justin Chrysostome Dorsainvil, Arthur Holly e Jean Price-Mars. Esses autores inclusive são constantemente citados em uma série de textos, e todos chegam a publicar textos na revista (Holly publica sob o pseudônimo de Athanase). Além de serem continuadores do chamado movimento etnológico, também buscam ser continuadores do movimento indigenista. No artigo “Doutrina da nova escola”, Carl Brouard (1938, p. 2, tradução nossa)¹⁵ busca contar uma pequena história do movimento indigenista valorizando seus pontos principais: a exaltação da África “dolorosa e maternal” e os esplendores de suas sociedades; a reverência ao *vodu* (referenciado pelo *assotor* e o *açon*, instrumentos utilizados no seu culto); e o interesse no folclore. Além disso, o autor entende o indigenismo como uma reação à “imitação branca extremamente servil” (Brouard, 1938, p. 2, tradução nossa)¹⁶.

É possível notar que os autores, em especial Denis e Duvalier, aparentam criar seu pensamento a partir das ideias com as quais mais se identificam dos autores haitianos e estrangeiros mais populares do período, abraçando as ideias com as quais concordam e ignorando aquelas com as quais discordam. Nesse sentido, o determinismo racial e as necessidades biológicas da raça, características que Nicholls (1996, p. 153) identifica em Dorsainvil, também estão presentes na ideologia dos *Griots*, porém, a rejeição ao *vodu* presente nas obras de Dorsainvil não é compartilhada por estes. Na mesma direção, apesar de concordar com autores como Price-Mars na crítica às elites, na exaltação da cultura de origem africana manifestada pelas classes populares, em especial camponeses, e na crítica da intelectualidade que despreza os traços africanos, os autores da *Les Griots* ainda compartilham opiniões em partes contraditórias ou regressivas, mesmo para a época na qual se encontravam.

Primeiramente, os autores baseavam seu pensamento em grande parte em autores europeus de tendência eugenista, como Arthur de Gobineau e George Montandon, e, assim, é possível notar que os autores tendem a concordar com a ideia de classificação das raças em superiores e inferiores, mesmo quando isso significa considerar a raça negra como inferior frente a branca. No artigo “O Negro da África e a Civilização Europeia”¹⁷, Denis e Duvalier (1938, p. 12, tradução nossa)¹⁸ dizem: “Um dos nossos um dia nos chamou para dizer que ele conseguia entender o significado de nossas especulações sociológicas: como ele, estamos completamente convencidos da inferioridade do nosso grupo étnico [...]” e, posteriormente, eles citam um intelectual não identificado:

Na ordem vegetal, assim como na ordem animal ou humana, há uma escala de valores. Os organismos inferiores ocupam a parte inferior da escala e os superiores, o topo. O homem negro, por alguma fatalidade desconhecida, ocupa o mesmo posto na ordem humana que os seres infraterrestres (Denis; Duvalier, 1938, p. 12, tradução nossa)¹⁹.

Essa visão da inferioridade dos negros aparece mais nitidamente em um texto onde os autores pretendem analisar as nações da África Ocidental Francesa e suas conquistas no âmbito da arte, ciência e, especialmente, da educação. O texto infere que a África Ocidental Francesa evoluiu de uma barbárie que parecia enraizada e isto se daria a partir de um processo educacional nos moldes europeus, que buscava respeitar ao mesmo tempo as características históricas e morais dos povos nativos e que seria planejado em conjunto com as elites da região. Assim, de uma forma que parece contraditória para nós, os intelectuais haitianos, que vêm de um país que lutou contra a colonização, consideram a colonização positiva, contanto que leve ao

desenvolvimento do povo nativo. Esse pensamento, porém, não é novo, e era muito divulgado por intelectuais haitianos, mesmo os pan-africanistas. Bellegarde-Smith (2004, p. 79, tradução nossa) comenta como o escritor haitiano do século XIX Valentin de Vastey acreditava que a África “poderia ser civilizada somente pela conquista”²⁰.

A reeducação da população haitiana também é um tópico frequentemente visitado pelos autores. Esta também não é uma questão inventada pelos teóricos da *Les Griots*. Como vimos, a *Revue Indigène* também promovia uma reeducação do povo haitiano por meio da literatura, e Price-Mars defendia mudanças significativas no sistema educacional haitiano. Na *Les Griots*, porém, essa defesa da reeducação vem com um tom fortemente paternalista e autoritário. Os autores acreditavam que “o problema haitiano nos parece ser antes de tudo um problema cultural. E sua solução só pode estar em uma reforma completa da mentalidade haitiana.” (Denis e Duvalier, 1938, p. 153, tradução nossa)²¹, e essa reforma seria trazida pelos educadores, por isso, existe uma grande preocupação com a pedagogia. Alguns pedagogos como Pestalozzi vão ser citados em determinados textos, e Denis e Duvalier vão escrever um texto de pedagogia onde defendem que a educação haitiana deve ser realizada a partir de um método haitiano com foco no estudo da história e geografia do Haiti para o desenvolvimento moral do povo haitiano, ao invés de serem ensinadas à moda francesa com foco na história da França como ocorreria naquele período. Nesse sentido, eles também se consideram líderes morais e intelectuais do povo haitiano, que têm como objetivo educar esse povo, assim como os griôs dos quais tiram seu nome tinham o papel de educar as tribos africanas.

Esse tom de paternalismo acaba levando a opiniões mais radicais. Esses autores, por estarem convictos de que a mentalidade haitiana e a história haitiana não permitiam o desenvolvimento de uma democracia funcional - e seu passado seria a prova disso - tendiam a ser largamente críticos do liberalismo político. Denis e Duvalier expressavam isso de forma mais amena na Doutrina “Sobre nossas origens históricas”²²; no texto eles argumentam que:

[...] tais regimes [políticos], antes de serem adotados por grupos humanos, deveriam estar em gestação em seu passado histórico até constituírem um produto de sua consciência nacional. [...] Isso não significa que um povo não possa adotar instituições já desenvolvidas por outros. Mas, para isso, torna-se essencial submeter esse povo a uma educação adequada (Denis e Duvalier, 1940, p. 624, tradução nossa)²³.

Curiosamente, para defender essa tese, os autores citam o livro “A jovem Alemanha quer trabalho e paz”, que é uma coleção de discursos feitos por Adolf Hitler. Carl Brouard, por outro lado, é explicitamente mais radical. Ele argumenta:

O camponês mais ignorante sabe que um *hoûntor* [bandeira vodú] é mais artístico que outro, que um tal *hoûnsi* [assistente do sacerdote no vodú] canta melhor que outro, assim como obedecerá docilmente a uma ditadura que funcione e que opere na ordem, na verdade e no bem, porque estas são ideias inatas. Sem dúvida descobrirão que insisto singularmente na ditadura. Acredito firmemente que um povo só chega lentamente, passo a passo, ao liberalismo. Caso contrário, ficam imóveis. O liberalismo de Pétion afundou-se no despotismo. As leis da natureza não podem ser violadas impunemente. Para aprender o alfabeto, você deve primeiro saber a letra: A! (Brouard, 1938, p. 154-155, tradução nossa)²⁴.

Esse apreço maior pelo desenvolvimento da nação do que pela manutenção da democracia coloca esses autores como apreciadores de governos de tendência paternalista, que são comuns durante os anos 1930 e 1940. Mustafa Kemal Atatürk, presidente turco considerado pai da nação, vai ser reverenciado por Denis e Duvalier como um exemplo de governante. Hitler e suas teses vão ser abordadas e até citadas em alguns artigos, mas não encontramos em nenhum momento uma rejeição enorme a elas. É praticamente impossível não associar essa falta de apreço para com a democracia ao fato de que Duvalier, quando chega à Presidência do Haiti, instaura uma ditadura, relação tecida anteriormente por Victoria Famin (2017, p. 431, tradução nossa)²⁵, que considera esta postura “uma preparação para a ascensão de Duvalier ao poder”.

Outra opinião mais contundente desse grupo diz respeito à rejeição às elites haitianas. Ela também não é uma ideia nova na intelectualidade haitiana. Price-Mars é o pioneiro nesse sentido ao escrever o livro *La vocation de l'élite*, em 1919, que apresenta uma forte crítica às elites, por terem falhado no seu objetivo de comandar e organizar as massas em direção ao desenvolvimento do país, que seria sua vocação. Apesar disso, as críticas que os autores da *Le Griots* fazem às elites são mais direcionadas. Elas são criticadas especificamente por negar as características étnicas e culturais africanas para valorizar somente os fatores galo-latinos (ou seja, os traços franceses). Assim, eles culpam as elites pela própria decadência do país. Isso fica explícito neste trecho:

Veio a independência. A elite haitiana rejeitou o fator primordial favorecendo exclusivamente o suplemento galo-latino. Essa abordagem puramente espiritual tem repercussões no nível político e social. Daí esta ruptura com a grande entidade básica do grupo étnico haitiano. Daí o desequilíbrio moral, o resultado lógico da Ocupação Americana (Denis e Duvalier, 1938, p. 152, tradução nossa)²⁶.

Essa perspectiva fica ainda mais clara na frase que utilizamos como epígrafe no início do texto. Duvalier, ao dizer que 1804 foi mais uma evolução que uma revolução, quer dizer que

o sistema de dominação e a mentalidade que marcam o período colonial eram mantidos até então pelas elites haitianas. Apesar de não dizer isso explicitamente, fica inferido nos seguintes trechos:

[...] a atual sociedade haitiana, em suas etapas essenciais, é apenas uma extensão da sociedade colonial. [...] Primeiro, para que haja uma Revolução, deve haver uma transformação profunda na mente. Esta condição é essencial. Então, qualquer Revolução propõe um programa de valores, uma transferência de poder, uma renovação de valores, etc. (Denis e Duvalier, 1940, p. 623, tradução nossa)²⁷.

Apesar da rejeição às elites estar muito claramente presente, o jornal não prega a luta de classes como solução dos problemas do país. Muito pelo contrário. Os editores-chefes da revista rejeitavam o marxismo veementemente, apesar de não escreverem isso na revista em si, mas sim fora dela, como destaca Smith (2009, p.26-27). Outrossim, em um texto na revista, Carl Brouard chama a defesa do materialismo dialético de “irrelevante”. De qualquer forma, não há nenhuma crítica explícita ao marxismo na revista, tendo, inclusive, como citamos, autores marxistas como Étienne Charlier nela escrevendo textos.

A rejeição velada ao marxismo dialoga perfeitamente com a tese principal do livro de Matthew J. Smith (2009), “Red and Black in Haiti: radicalism, conflict, and political change, 1934–1957”. No livro, o autor busca argumentar que o período pós-ocupação é marcado pelo radicalismo e conflitos entre grupos ideológicos nascentes que vão trazer mudanças políticas no país. Sendo os dois principais grupos os comunistas e os noiristas (por isso Red and Black). O Partido Comunista Haitiano, que organizará os marxistas ao longo dos anos 1930 sob a liderança do escritor e poeta Jacques Roumain, também colocará uma forte crítica às elites, porém, eles destacam pura e unicamente a questão de classe, mantendo inclusive o lema “Raça não é nada, classe é tudo”, salientando que o conflito de cores presentes no Haiti deveria ser abandonado em favor de uma união de raças a favor da luta de classes, que em sua visão efetivamente resolveria os problemas do Haiti.

Neste sentido, apesar de não deixar essa ideia explícita nos textos, o tom dos autores é claro, e ficará mais evidente ainda quando o pensamento dos *Griots* evoluir para o que hoje conhecemos como noirismo. Os traços negativos das elites que são explicitados não se referem a traços de toda elite, mas sim, da elite mulata. A valorização excessiva do “fator” latino e desprezo às características africanas seriam um traço da intelectualidade e das elites mulatas, que seriam os únicos que poderiam se afirmar enquanto tendo fenótipos europeus. E a crítica ao fato de o sistema colonial ter sido mantido também é uma crítica às elites mulatas, pois o governo do Haiti em quase sua totalidade até aquele momento fora governado somente por

mulatos (com uma breve exceção dada aos catorze anos do reinado de Henri Cristophe e seu filho).

Os autores não pareciam se opor ao fato de as elites governarem o país como os comunistas se opunham, considerando isso inclusive justo e correto, seguindo as ideias de Price-Mars, porém, eles criticavam a própria elite pela sua mentalidade e maneira de gerir o país. Assim, apesar de isso nunca ser explicitamente defendido pelos autores, as ideias da revista acabam se tornando atrativas para a burguesia negra, que por meio dessas ideias acharia uma justificativa para suas futuras tentativas de comandar o país. Desta forma, o periódico acaba, de maneira intencional ou não, contribuindo para o conflito de cores dentro da nação.

Apesar disso, a revista, em geral, aparenta ter um tom fortemente populista e conciliador. Ela tenta manter um aspecto apolítico na maioria dos seus textos, evita defender excessivamente um grupo para criticar outro e vice-versa, e foge de conflitos internos no país que ainda eram controversos em meio à intelectualidade. Por exemplo, apesar de manter uma defesa absoluta do *vodu*, os autores não criticam fortemente a Igreja Católica, que perseguia o *vodu* no país. Pelo contrário, em alguns textos a religião católica é exaltada, e o próprio Carl Brouard, que usava sempre o tema do *vodu* em seus poemas, assume seu catolicismo. Apesar de criticarem também a valorização excessiva do “fator galo-latino”, os próprios autores exaltam as glórias da etnia francesa e do sangue latino presente nos haitianos. Nota-se isso no seguinte trecho: “[...] a França, encruzilhada de estradas milenares, teve que constituir, como Atenas e Roma, das quais é, aliás, a mais autêntica herdeira, um vasto caldeirão de todas as raças da Europa e da área do Mediterrâneo” (Denis e Duvalier, 1938, p. 4, tradução nossa)²⁸.

Nesse sentido, os autores constantemente tentam aproximar os personagens e costumes africanos e do *vodu* de personagens e costumes da história europeia. Assim, os *griôs* são aproximados dos *Troubadors* franceses, e o *vodu* é comparado aos costumes greco-romanos. Poderíamos argumentar que isso seria uma tentativa de aproximar possíveis leitores europeus (ou, leitores haitianos que valorizam excessivamente o pensamento europeu) da cultura haitiana.

Considerações Finais

Seja pelo fato de essas ideias ainda não serem totalmente maduras, ou mesmo pela rejeição pré-estabelecida à política na revista, os pensamentos políticos da *Les Griots* são muitas vezes confusos, ou mesmo contraditórios, porém, o teor populista da revista fica extremamente

claro. Ao valorizar a cultura negra e expor uma rejeição, mesmo que velada, às elites mulatas, o pensamento exposto pela revista se torna atrativo para a classe média negra e parte da classe trabalhadora negra, que compunha a maior parte da demografia do Haiti. Além disso, como nota Smith (2009), desde a publicação da *Les Griots* as suas ideias passam a ser apreciadas por uma parte considerável da elite.

Não consideramos que isso aconteça por acaso, pois a *Les Griots*, mesmo que não tenha necessariamente essa intenção, apresenta em seu conteúdo a possibilidade de criar uma plataforma para a subida das elites negras para o controle do poder político. A valorização da cultura e mentalidade africanas, somada à rejeição às elites mulatas, a crítica ao comunismo, o foco no conflito de cores ao invés da luta de classes e a exaltação das massas fez com que a revista conseguisse conquistar tanto as elites, que não poderiam de maneira alguma usufruir da ideologia marxista, quanto a classe média e trabalhadora alfabetizadas, que enxergavam nesses ideais um forte teor nacionalista e de orgulho negro, em um Haiti onde o cenário ainda era de miséria das massas negras e rejeição ao vodu e às manifestações culturais africanas por parte das elites mulatas.

Assim, quando trazidas ao âmbito político, a ideologia aproxima as classes médias e trabalhadoras, que têm expectativa de ascensão social, junto da elite negra, que tem a expectativa de finalmente conquistar o poder político. Isso causará o início formal do noirismo enquanto movimento político em meados dos anos 1940 apresentando ideias mais concretas e radicais, criando partidos, como o *Parti Populaire Nationale* (PPN), que vai representar os noiristas, e que tinha na sua base os próprios Lorimer Denis e François Duvalier, conquistando cada vez mais apoiadores e levando até a crise pós-revolucionária em 1946, culminando na conclusão do objetivo final dos noiristas com a eleição de Dumarsais Estimé, presidente negro, de classe média, que representará os interesses das elites negras durante o seu governo, de 1946 até 1950, quando é deposto por um golpe militar que colocará Paul Magloire na Presidência. Com o fim da ditadura militar em 1956 e após uma série de sucessões presidenciais, François Duvalier finalmente assume a Presidência do Haiti em 1957, com a proposta de governar seguindo os passos de Estimé. Porém, ao chegar ao poder, o discurso se transforma, o exército será aparelhado, opositores serão perseguidos, e começará a ditadura duvalierista, que, estendendo-se de 1957 até 1986, ficará marcada na história do Haiti pela sua violência e por outras características que até hoje impactam na organização interna do país, sendo essa ditadura e suas consequências abordadas em obras como *Haiti, state against nation* de Michel-Rolph

Trouillot (1990), *Haití (1930-1975): la crisis ininterrumpida* de Gerard Pierre-Charles (1985), *Radiographie d'un dictature* (1973) (do mesmo autor, e outras.

Poderíamos tentar argumentar que na *Les Griots* se enxerga os primeiros impulsos totalitaristas que encontramos na ditadura de Duvalier, porém, fazer tal afirmação seria arriscado e mesmo imprudente da nossa parte, considerando a falta de provas que temos para afirmar tal fato, se não somente o forte apreço ao paternalismo e a desconfiança da democracia liberal sem um projeto educacional. A larga distância entre a publicação da revista e o início da ditadura também nos afasta dessa interpretação. Do fim da revista em 1940 até a subida ao poder de Duvalier em 1957 são dezessete anos, nos quais diversos eventos marcam a história haitiana e influenciam a maneira como Duvalier pensa e, eventualmente, vai governar.

Independentemente das conclusões que tiremos sobre as ideias políticas presentes na revista, o fato é que seus discursos e as repercussões que estes terão dentro da intelectualidade e da sociedade haitiana como um todo vão levar a uma série de mudanças e movimentações dentro do cenário social e político do país. Assim, podemos afirmar que a *Les Griots* é um marco importantíssimo dentro da história intelectual e política do Haiti, justificando a importância dada a ela em muitas obras historiográficas sobre o Haiti pós-ocupação, e criando a necessidade que sejam feitas outras análises onde se possa analisar a revista mais a fundo.

Fontes

BROUARD, C. et al. Declaration. *Les Griots*, Port-au-Prince, v.1, n.1, p.1, 1938. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00007290/00001/pdf>. Acesso em 31 ago. 2025.

BROUARD, C. Doctrine de la nouvelle école. *Les Griots*, Port-au-Prince, v.1, n.1, p.2, 1938. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00007290/00001/pdf>. Acesso em 31 ago. 2025.

BROUARD, C. L'Art au Service du Peuple. *Les Griots*, Port-au-Prince, v.2, n.2, p.154-155, 1938. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00007290/00004/pdf>. Acesso em 31 ago. 2025.

DENIS, L.; DUVALIER, F. Considérations sur nos Origines Historiques. *Les Griots*, Port-au-Prince, v.2 e 3, n.2 e 3, p.620-625, 1940. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00007290/00013/pdf>. Acesso em 31 ago. 2025

DENIS, L.; DUVALIER, F. L'Essentiel de la Doctrine des Griots. *Les Griots*, Port-au-Prince, v.2, n.2, p.151-153, 1938. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00007290/00004/pdf>. Acesso em 31 ago. 2025.

DENIS, L.; DUVALIER, F. Le Noir d'Afrique et la civilisation européenne. *Les Griots*, Port-au-Prince, v.1, n.1, p.3-13, 1938. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00007290/00001/pdf>. Acesso em 31 ago. 2025.

Referências

- ANDRADE, E. A primeira ocupação militar dos EUA no Haiti e as origens do totalitarismo haitiano. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, [s.l.], Nº. 20, p. 173-196, 2016. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/2492/2248>. Acesso em 31 ago. 2025.
- ANDRADE, E. Pan-africanismo e negritude na construção do nacionalismo haitiano. *História Unisinos*, São Leopoldo, v.25, n.1, p.48-60, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist.2021.251.05/60748260>. Acesso em 31 ago. 2025.
- BELLEGARDE-SMITH, P. *Haiti, the breached citadel*. Ontario: Canadian scholars' press, 2004.
- BENDA, J. *A traição dos intelectuais*. São Paulo; Editora Peixoto Neto, 2007.
- CAPELATO, M. H. *História e Imprensa do Brasil*. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1988
- CASTOR, S. *La ocupación norte-americana de Haiti y sus consecuencias (1915-1934)*. Santo Domingo: Fundación Juan Bosch, 2016.
- DASH, J. M. *Literature and Ideology in Haiti, 1915–1961*. London: Macmillan Press, 1981.
- FAMIN, V. Les Griots, entre indigénisme et négritude. *Revue de littérature comparée*, [s.l.], nº 364, p. 422-432, 2017. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-de-litterature-comparee-2017-4-page-422?lang=fr>. Acesso em 31 ago. 2025.
- NICHOLLS, D. *From Dessalines to Duvalier: race, colour, and national independence in Haiti*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1996.
- PIERRE-CHARLES, G. Haití (1930-1975): la crisis ininterrumpida. In: CASANOVA, P. G. (org). *América Latina: historia de médio siglo 2 – México, centroamerica y el caribe*. 3ª edição. Ciudad de México: Siglo Veintiuno editores, 1985, p. 174-222.
- SILVA, H. R. da. A História Intelectual em questão. In: LOPES, M. A. (org). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p.15-25.
- SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (org). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.231-269.
- SMITH, M. J. *Red and Black in Haiti: radicalism, conflict, and political change, 1934–1957*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009.
- TOMICH, D. W. *Slavery in the Circuit of Sugar: Martinique and the World-Economy, 1830-1848*. 2ª edição. New York: State University of New York Press, 2016.

TROUILLOT, M. R. *Haiti, state against nation – the origins and legacy of Duvalierism*. New York: Monthly Review Press, 1990.

¹ Tradução nossa. No original, “Nous disons même plus la société haitienne actuelle dans ses démarches essentielles n'est qu'un prolongement de la société coloniale. On nous objectera que 1804 avait pour but le renverseraient de l'Ordre Ancien [...] 1804 représente plutôt une Evolution et non une Révolution.”. Em: Denis, Duvalier, 1940, p. 623

² Ver Bellegard-Smith, 2004; Trouillot, 1990; Dubois, 2012; Nicholls, 1985; Nicholls, 1996

³ Movimento ideológico que se baseava na exaltação dos traços africanos da cultura e mentalidade haitiana, pregando assim também a valorização do vodu, e posteriormente ganha um teor político num sentido de buscar a participação maior dos negros dentro da política haitiana.

⁴ No original: Le rôle des revues dans le développement des traditions littéraires de la Caraïbe est central, non seulement en ce qui concerne la création d'un espace d'expression mais également dans la manifestation de nouveaux courants de pensée. Il est ainsi indispensable de se pencher sur ce type de publication pour comprendre l'évolution de ces champs littéraires [...]

⁵ No original: “while consciousness of racial identity has been a powerful factor which, from the earliest days, has united Haitians in a determination to preserve their national independence, colour has been a divisive influence, leading to the erosion of effective independence”.

⁶ No original: “Moreover, there is a strong correlation between color, class, and culture in Haiti that impacts significantly on the way people of different phenotypes are perceived. Reference to a light-skinned person as “mulatto” in Haiti acknowledges phenotype but does not necessarily refer to social status. In Kreyòl, however, the term *milat* contains reference to class and not just color, as exemplified by the oft-cited Kreyòl quote credited to nineteenth-century army leader Jean-Jacques Acau, “Neg rich se milat, milat pòv se neg”.

⁷ Tratado assinado pelos Estados Unidos e Cuba, que garantia a retirada das tropas americanas do país, que se localizavam lá desde o fim da guerra hispano-americana, porém, estabelecia também sete condições que Cuba deveria cumprir para isso, essas medidas estabeleciam o direito dos Estados Unidos de intervir na política da ilha, a perda do direito de fazer mudanças internas ou assinar tratados com outros países sem o consentimento dos Estados Unidos, entre outros.

⁸ A prática de invadir e intervir na política econômica de países latino-americanos por parte dos Estados Unidos foi recorrente durante a primeira metade do século XX, ficando conhecida como Guerra das Bananas. O mesmo que aconteceu no Haiti ocorre em países como Nicarágua, República Dominicana, Honduras e outros no mesmo período.

⁹ Sistema de trabalho no qual os camponeses seriam obrigados a realizar trabalho não-remunerado em dias específicos. Foi muito utilizado no Haiti ao longo do século XIX, mas foi posteriormente abolido, sendo reinstaurado pelos estadunidenses após a ocupação.

¹⁰ No original: “Paradoxically the Americans unintentionally succeeded, where Dessalines had failed, in uniting all Haitians under the name ‘black’. The twenties saw a growing solidarity among Haitians; collaborators like Presidents Dartiguenave and Borno found themselves virtually isolated from national life, being maintained in office solely by United States military support. The literary and ethnological movements provided much of the intellectual stimulus for this revival of a national spirit based upon the conception of race; mulattoes were as much involved as blacks in these movements. At last it appeared that the demon of colour had been exorcised from national life”

¹¹ No original: “La comprensión del caso haitiano resulta imposible sin el estudio de su evolución histórica toda, y en particular sin conocer el hecho trascendental que constituyó la intervención norteamericana. Esta intervención representó un verdadero nudo donde se conjugaron a la vez los resultados del proceso de la historia nacional desde la independencia y la gestación de nuevos rasgos propios de la evolución del país en las últimas décadas.”

¹² No original: “bannir systématiquement la politique de nos activités scientifico-littéraires”

¹³ Isso é explícito pelos próprios autores na declaração inaugural da revista e no artigo posterior, “Doutrina da Nova Escola”. “Formular corajosamente a doutrina literária e científica do grupo dos *Griots* a fim de continuar a obra da *Revue Indigène* e assegurar a perenidade da integração do nosso movimento na literatura nacional” (Brouard et al, 1938, p.1, tradução nossa).

¹⁴ Tradução nossa. No original: “28 Julliet 1915. L'Américain foulait notre sol. Hélas! Ce n'était pas seulement sur cette terre conquise à la pointe de leurs baïonnettes que leurs lourdes bottes marchaient mais aussi sur nos coeurs. Bien qu'alors en pantalons courts, nous comprimés que nous étions la génération de l'Humanité et la mélancolie dilata nos yeux.” Em: (Brouard, 1938, p.2)

-
- ¹⁵ No original: “l’Afrique douloureuse et maternelle”
- ¹⁶ No original: “la trop servile imitation blanche”
- ¹⁷ No original: Le noir d’Affrique et la civilisation europeenne.
- ¹⁸ No original: “L’un des nôtres un jour nous interpelle pour nous dire qu’il s’explique le sens de nos spéculations sociologiques: comme lui, nous sommes bien coinvaincus de l’infériorité de notre groupe ethnique [...]”.
- ¹⁹ No original: “Dans l’ordre végétal comme dans l’ordre animal ou humain, il existe une échelle de valeurs. Les organismes inférieurs occupent le bas de l’échelle et les supérieurs le sommet. L’homme noir par je ne sais quelle fatalité occupe dans l’ordre humain le même rang que les êtres infra-terrestres.”
- ²⁰ No original: Africa “could be civilized only by conquest.”
- ²¹ No original: “A la lumière de ces données, le problème haïtien nous paraît avant tout un problème culturel. Et sa solution ne peut résider que dans une réforme intégrale de la mentalité haïtienne”
- ²² No original: “Sur nos origines historiques”
- ²³ No original: “tels régimes avant d’être adoptés devraient se trouver en gestation dans leur passé historique jusqu’ en constituer comme un produit de leur conscience nationale. [...] Cela ne signifie nullement qu’un peuple ne puisse adopter des institutions déjà élaborées par d’autres. Mais pour ce faire, il devient indispensable de soumettre ce peuple a une éducation y adéquate. “
- ²⁴ No original: “L.e paysan le plus ignorant sent quel hoûntor est plus artiste que tel autre, que telle hoûnsi chante mieux que telle autre, de même qu’il obéira docilement à une dictature qui travaille dans l’ordre, le vrai et le bien, parce que ce sont là des idées innées. L’on trouvera sans doute que j’insiste singulièrement sur la dictature. C’est que je crois fermement qu’un peuple n’arrive que lentement, étape par étape, au libéralisme. Autrement, il piétine sur place. Le libéralisme de Pétiou sombra dans le despotisme. On ne viole pas impunément les lois de la nature. Pour apprendre l’alphabet, il faut d’abord connaître la lettre: A!”
- ²⁵ No original: “L’insistance de Brouard sur le modèle de la dictature fonctionne presque comme une préparation de l’arrivée de Duvalier au pouvoir”
- ²⁶ No original: “Vint l’Indépendance, L’élite haïtienne rejette le facteur primordial au bénéfice exclusif de l’appoint gallo-latin. Cette démarche purement spirituelle se répercute sur le plan politico-social. D’où cette rupture avec la grande entité basique de l’ethnie haïtienne. - D’où encore le déséquilibre moral, aboutissant logique de l’Occupation américaine. “
- ²⁷ No original: “[...] la société haïtienne actuelle dans ses démarches essentielles n’est qu’un prolongement de la société coloniale. [...] D’abord, pour qu’il y ait Révolution, il faut une transformation profonde dans le mens. Cette condition est primordiale. Ensuite, toute Révolution postule in programme de valeurs, un transfert de pouvoir, un renouvellement des valeurs, etc.”
- ²⁸ No original: “[...] la France, carrefour de routes millénaires, devait, à l’instar d’Athènes et de Rome dont elle est, du reste, la plus authentique héritière---constituer un vaste creuset de toutes les races de l’Europe et de l’aire Méditerranéenne”